

Povos Indígenas

Sepultamento de Yanomami vítima da COVID-19



Por: [Amazônia Real](#) | 15/04/2020 às 14:51

Por Bruce Albert

Sepultar vítima [Yanomami sem o consentimento de seus familiares](#) demonstra uma grave falta de ética e uma total ausência de empatia das autoridades sanitárias com o desamparo deste povo face à pandemia de Covid-19. Além do mais, dispor de um defunto sem rituais funerários tradicionais constitui, para os Yanomami, como para qualquer outro povo, um ato inumano e, portanto, infame.

De acordo com os costumes Yanomami, os defuntos devem ser cremados e chorados coletivamente por suas comunidades e as cinzas dos seus ossos conservadas para serem sepultadas ao longo de várias festas coletivas de aliança (*reahu*). O propósito destes rituais é “colocar no olvido” as cinzas do morto, o que deve garantir a viagem sem retorno de sua alma (*pore*) até as “costas do céu” onde viverá uma nova vida sem mal.

Translate »

Na falta deste tratamento ritual das cinzas funerárias, considera-se que as almas dos mortos voltarão sempre para chamar os vivos durante seus sonhos, causando-lhes uma nostalgia e uma melancolia sem fim. Poder conduzir o luto do seus mortos de maneira culturalmente apropriada é, portanto, tanto na sociedade Yanomami quanto na nossa, um direito humano básico. Sem o respeito deste direito fundamental, os familiares das vítimas Yanomami da Covid-19, além de terem perdido os seus entes queridos, deverão sofrer para sempre, como uma segunda morte em vida, o luto inextinguível da sua ausência.

Neste contexto, [um diálogo deve ser urgentemente aberto](#) para tratar desta delicada questão entre os representantes do povo Yanomami e as autoridades sanitárias. a fim de estudar uma solução aceitável, tanto do ponto de vista dos critérios de biossegurança quanto do ponto de vista do respeito dos costumes religiosos Yanomami.

Reler [A queda do Céu](#), pp. 267-68, onde Davi Kopenawa conta como sua mãe morreu numa epidemia de sarampo trazida pelos missionários da Novas Tribos do Brasil (aliás, Ethnos360) e como estes sepultaram o cadáver a revelia num lugar até hoje desconhecido: *Por causa deles, nunca pude chorar a minha mãe como faziam nossos antigos. Isso é uma coisa muito ruim. Causou-me um sofrimento muito profundo, e a raiva desta morte fica em mim desde então. Foi endurecendo com o tempo, e só terá fim quando eu mesmo acabar.*

Bruce Albert é francês e doutor em antropologia pela Université de Paris x-Nanterre (1985). Pesquisador sênior do Institut de Recherche pour le Développement (ird, Paris), começou a trabalhar com os Yanomami do Brasil em março de 1975 e, anualmente visita o território. Em 1978, participou da fundação da ONG Comissão Pró-Yanomami, que conduziu com Davi Kopenawa uma campanha em defesa da homologação da Terra Indígena Yanomami, em 1992. Em parceria com Davi escreveu o livro “A queda do Céu”. O livro foi publicado na França, em 2010, e no Brasil em 2015, pela Companhia das Letras.

A imagem que abre este artigo é uma ilustração do luto yanomami (Imagem GloboPlay)

Os colunistas da Amazônia Real têm liberdade para escolher os temas de seus artigos, que não são necessariamente da mesma opinião da agência de jornalismo independente, que defende as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Apoie o jornalismo independente da Amazônia Real

A missão da Amazônia Real é fazer jornalismo ético e investigativo, pautado nas questões da Amazônia e de seu povo. A linha editorial é voltada à defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão e dos direitos humanos. Para garantir a defesa da liberdade de imprensa e da liberdade de expressão, a agência não recebe recursos públicos, não recebe recursos de pessoas físicas ou jurídicas envolvidas com crime ambiental, trabalho escravo, violação dos direitos humanos e violência contra a mulher. É uma questão de coerência. Por isso, é muito importante as doações das leitoras e dos leitores para produzirmos mais reportagens sobre a realidade da Amazônia. Agradecemos o apoio de todas e todos.